

Aspectos Regionais no Telejornalismo Nacional: Uma Análise de Conteúdo Qualitativa da Representação do Nordeste no Jornal Hoje ¹

Sarah Dantas do Rego SILVA²
Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, MA
Michele Goulart MASSUCHIN³
Universidade Federal do Paraná, Paraná, PR

RESUMO

A mídia é um dos principais canais responsáveis pela representação social e regional. Sendo assim, este artigo, que é um recorte de pesquisa de um trabalho mais amplo, se propõe a analisar como o Nordeste brasileiro é representado pelo Jornal Hoje (JH), da Rede Globo. Aqui, são abordadas questões de representatividade e visibilidade da região proporcionadas pelo telejornal. Para isso, foi utilizado a técnica de análise de conteúdo qualitativa, defendida por Bardin (2006) e Bauer (2002), com intuito de identificar e trabalhar as narrativas realizadas pelo JH e a existência de estereótipos acerca da região na cobertura midiática. Tem-se um *corpus* de 75 edições, nos meses de fevereiro, junho e setembro de 2018, e 157 matérias coletadas, que de algum modo se relacionavam ao Nordeste.

PALAVRAS-CHAVE: Representação; regionalismo; telejornalismo; Nordeste.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo principal discutir como o Nordeste brasileiro é representado na mídia brasileira. Diversos autores afirmam que o Nordeste, por muito tempo, foi retratado pelos meios de comunicação como uma região homogênea, caracterizada pela seca, pobreza, alto índice de analfabetismo e elementos ligados ao tempo do cangaço (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011; LUSVARGHI, 2012; LIMA E FILHO, 2015). Essa imagem, construída temporalmente, desenvolveu-se de modo estereotipado para aqueles que não conhecem o contexto e as diferenças da região.

Mesmo que algumas dessas temáticas ainda estejam ligadas ao território, o intuito desta pesquisa é analisar se a visão midiática permanece voltada exclusivamente para estes assuntos apontados acima, identificando como a narração jornalística aborda o Nordeste, tendo em vista

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

² Mestranda do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão, e-mail: s.dantassarah@gmail.com.

³ Orientadora do Trabalho. Professora do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Paraná, e-mail: mimassuchin@gmail.com

que se trata de uma região híbrida, com uma diversidade cultural considerável. Embora essa generalização, homogeneização e simbolização ocorram em outras regiões brasileiras (FELIPPI; PICCININ, 2012), a pesquisa opta por fazer este recorte com o objetivo de verificar como tais situações são representadas no âmbito específico, como também complementar estudos já existentes que confirmam essas características estereotipadas da região e, também, a sua reduzida visibilidade no contexto nacional.

Para contribuir com as pesquisas que relacionam telejornalismo e regionalismo na produção das notícias, o estudo tem o objetivo de analisar como o Nordeste brasileiro é representado no Jornal Hoje (JH), da emissora Rede Globo, tendo em vista que se trata de um telejornal com característica de revista eletrônica, apresentando possibilidades mais amplas de cobertura e abordagens. Dessa forma, procurou-se identificar a frequência e as características das narrativas sobre o Nordeste no jornal.

Como metodologia do trabalho, foi utilizado o método de pesquisa bibliográfica, de cunho teórico e a Análise de Conteúdo defendida por Bardin (2006) e Bauer (2002). A técnica de Análise de Conteúdo aqui adotada tipifica-se por qualitativa, com o intuito de analisar como ocorre o processo de representação e visibilidade da região Nordeste no JH, observando as principais características e a possível existência de estereótipos. O período de análise corresponde aos meses de fevereiro, junho e setembro de 2018. O primeiro mês é marcado pelas festividades do Carnaval, junho se caracteriza como uma época em que ocorrem movimentos tipicamente nordestinos, como a realização das festas juninas, ao passo que setembro não há especificamente nenhum evento ou fato específico. Com isso, é possível entender como e quando as representações regionais se destacam na cobertura e as divergências temporais.

REPRESENTAÇÃO SOCIAL E REGIONAL NO TELEJORNALISMO

Uma das funções do jornalismo é dar voz e espaço às diversas representações sociais, a partir da cobertura jornalística. Além do espaço destinado aos grupos sociais, a valorização da representação das regiões de um país na mídia nacional é um aspecto e fenômeno que precisa estar presente no dia a dia da notícia jornalística. Quando falamos em representações sociais, estamos levando em conta um conjunto de explicações, ideias, características, culturas e identidades semelhantes que um determinado grupo de indivíduos ou objeto social possui.

Moscovici (1979) explica que as denominadas representações sociais são objetos quase tangíveis. Ele fundamenta que as representações “circulam, cruzam e se cristalizam sem cessar em nosso universo cotidiano através de uma palavra, um gesto, um encontro”

(MOSCOVICI, 1979, p. 2, tradução nossa)⁴. Por mais que as representações sociais estejam presentes no cotidiano das pessoas e sejam quase palpáveis, Moscovici (1979) adverte que entender o seu significado literal é mais complexo do que entender o seu processo. A representação social tem como objetivo fazer com que uma determinada característica, atribuída a um grupo ou objeto social, seja fixada no imaginário popular e de imediato reconhecida, unicamente em função de tal. Outro fator determinante está intrinsecamente ligado a ideia de “tornar familiar algo até então desconhecido, possibilitando a classificação, categorização e nomeação de ideias e acontecimentos inéditos, com os quais não havíamos ainda nos deparado” (MORAES et al., 2014, p. 19).

A teoria da representação social pode também, de certo modo, abarcar o aspecto da regionalização na mídia de caráter nacional. O termo regionalização está ligado a tudo aquilo que abrange uma região em um determinado espaço. Regional também está ligado ao conceito de território que se entende, em questões geográficas, ao local que um grupo, grande ou pequeno, vive. A presença do regionalismo na mídia nacional propicia a representação das diferentes regiões do país em um cenário global, unindo e aproximando pessoas e culturas (BAZI, 2007).

O fenômeno da regionalização faz com que o público se sinta representado em seu âmbito regional, vendo em uma programação midiática seus estilos de vida, acontecimentos cotidianos, histórias que tenham proximidade física e cultural. Além do caráter mercadológico e do interesse do público em ver conteúdo regional, a Constituição Federal de 1988 no artigo 221, inciso III, prevê o dever da mídia em regionalizar a produção cultural, artística e jornalística nos meios de comunicação.

A região Nordeste é objeto de estudo de diversos autores e um leque de pesquisas têm se debruçado no teor do regionalismo midiático nas últimas duas décadas (MATTOS, 2012). Alencar Junior (2015), por exemplo, realiza um panorama da representação do Nordeste no Profissão Repórter, da emissora Rede Globo, assim como a tese de Echeverria (2017) que tem como objeto de estudo o Jornal Nacional. Gutemberg e Lira (2014), por outro lado, estudaram a representação do sertão nordestino no cinema.

Mesmo que o Nordeste seja rico em diversidade cultural, com uma pluralidade de características em seus nove estados, grande atrativo turístico e potencial econômico, de acordo com os autores citados, o que se percebeu durante muito tempo é que a visão que se tinha da região nos estados mais industrializados e que representavam o centro da comunicação no país

⁴Texto original: “circulan, se cruzan y se cristalizan sin cesar en nuestro universo cotidiano a través de una palabra, un gesto, un encuentro”.

era a de um território marcado pela pobreza, altos índices de analfabetismo e subdesenvolvimento. Leitão e Santos (2012) asseveram que a escassez da água ligada ao fator da seca ainda é constituída pela mídia.

Muitas dessas visões foram e ainda são retratadas pela mídia, mesmo que seja de forma sutil, fato que “influencia na construção de um discurso de Nordeste, que ‘passa’ na TV” (ECHEVERRIA, 2015, p. 2). Zanforlin (2008) relata que a região é frequentemente representada de forma generalista, que possui uma identidade homogênea e negativa, deixando de lado as peculiaridades e particularidades existentes em cada estado que faz parte do Nordeste.

CONSTRUÇÃO DA NOTÍCIA NO PROCESSO DE REPRESENTAÇÃO

Compreendendo que é imprescindível o espaço na mídia para a prática de representação sociais, assim como para as questões regionais, é relevante pincelar o que é considerado notícia e os fatores que interferem na sua construção no âmbito jornalístico. Alsina (1993, p. 147, tradução nossa)⁵ define notícia como: “[...] uma representação social da realidade cotidiana produzida institucionalmente e que se manifesta na construção de um mundo possível”. Contudo, a notícia não é um espelho da realidade, como explicado por autores como Sousa (2002), Traquina (2016) e Alsina (1993).

As notícias oferecidas à sociedade são intermediadas por profissionais que selecionam o que é e o que não é notícia, devido à multiplicidade de fatos que chegam nas redações jornalísticas. Estes seletores são denominados *gatekeepers*. No entanto, Cervi (2007) já alerta que a seleção das notícias não depende somente desses profissionais; existem diversos fatores externos que interferem no processo noticioso, como interesses da empresa, com seu lado mercadológico, a busca incessante pela audiência, a presença e manutenção de anunciantes, entre outros.

De todo modo é fato que o que é reproduzido e construído na mídia influencia, ainda que de diversos níveis e formas, a sociedade, a qual absorve e constrói sua visão de mundo muito a partir do que vê nos noticiários. Vizeu (2006) afirma que o jornalismo, em especial o televisivo, é a grande praça pública do país, a partir do qual grande parte dos indivíduos pauta suas discussões cotidianas, já que é responsável por oferecer ao público sobre o que pensar (McCOMBS, 2004) e por criar no imaginário do indivíduo social imagens e formas de ver o mundo em questão (LIPPMANN, 2008).

⁵Texto original: “[...] una representación social de la realidad cotidiana producida institucionalmente que se manifiesta en la construcción de un mundo posible”.

Hjarvard (2014) defende que a mídia também pode afetar as relações sociais entre o indivíduo e a sociedade, já que “as mudanças estruturais entre os meios de comunicação e as diversas instituições sociais e fenômenos culturais vêm a influenciar o imaginário, as relações e as interações humanas” (HJARVARD, 2014, p. 16). Assim, a partir da discussão apresentada neste tópico, percebe-se como as representações regionais oferecidas pela mídia interferem na visão que o indivíduo social possui das regiões do país e como estes caracterizam o que os jornais representam em suas notícias diárias, demonstrando a importância de conhecer o modo como a narrativa jornalística sobre essas regiões é construída por veículos de referência nacional, como é o caso do Jornal Hoje, da Rede Globo.

PROCEDIMENTOS METODÓLOGICOS

Para atingir os objetivos da pesquisa, o estudo se consolida, a partir da parte empírica, pela análise de conteúdo qualitativa defendida por Bardin (2006) e Bauer (2002). Bardin (2006, p. 38) explica que a AC é “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. No que lhe concerne, Bauer (2002) relata que é uma construção social, pois objetiva o resultado da análise de um corpus de texto de uma realidade.

A análise e coleta de dados desta pesquisa, foram baseadas no telejornal Jornal Hoje, da Rede Globo, e realizadas nos meses de fevereiro, junho e setembro de 2018. No primeiro mês o Nordeste possui uma certa visibilidade em virtude da programação de Carnaval, por suas tradicionais festividades ocorridas em alguns estados da região. Junho é caracterizado culturalmente pelo movimento típico nordestino, o São João, e assim supõe-se que nesse período o Nordeste tenha maior destaque pelo Jornal Hoje. Já em setembro não há nenhum evento ou fato que represente a região em termos culturais, presumindo que haja pouca visibilidade da região na programação do telejornal.

Foram analisadas 75 edições, totalizando 157 matérias que diziam respeito à região. A escolha do telejornal se deu por se caracterizar como um jornal de abrangência nacional, da emissora considerada com maior audiência no país e pela tipificação de revista eletrônica (SANCHES, 2010; CAMINHA, 2011; PIETSCH et al, 2007). Em vista disso, a análise deste *paper* traz uma análise qualitativa do conteúdo, que procurou analisar como ocorre o processo de representação e visibilidade da região Nordeste no Jornal Hoje, observando as principais características textuais, a possível existência de estereótipos e o modo como estes transparecem nas falas das matérias analisadas.

CONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS E REPRESENTATIVIDADE LIMITADA

No *corpus* de 75 edições coletadas e 157 matérias analisadas, são 57 em fevereiro, 40 em junho e 60 em setembro. Logo, esses dados já contradizem o que havia sido levantado como hipótese na metodologia, que os meses de fevereiro e junho trariam maior visibilidade para a região, por conta das manifestações culturais que caracterizam alguns estados do Nordeste, como o Carnaval e São João, e em contrapartida, o mês de setembro, por não haver nenhum movimento específico na região, não daria tanta visibilidade. No entanto, na prática ocorreu o contrário. Setembro foi o mês de maior destaque e veiculação de matérias direcionadas ao Nordeste.

Contudo, ainda que tenha ocorrido tamanha visibilidade do Nordeste no mês de setembro, o espaço destinado para a região ainda é minoritário. O Jornal Hoje tem em média 40 minutos de duração. No período de análise apareceram, no máximo, quatro matérias por dia que estavam relacionadas aos estados do Nordeste, sendo que, a maioria apenas mencionava a região e ao menos uma dessas matérias, se tratavam da previsão do tempo, com o total de 74 vezes das 157 matérias, ocupando 47,1% do total.

No entanto, este artigo em questão, discorre, de forma qualitativa, a respeito da presença dos estereótipos nas falas ou conteúdo das matérias e como aparecem as questões de representação social da região no Jornal Hoje. Durante a análise percebeu-se que há uma considerável presença de estereótipos sobre o Nordeste quando constatada a presença do repórter local dos estados da região nas notícias. Isso acontece porque os estereótipos podem se caracterizar dentro das narrativas já trabalhadas há muito tempo na mídia acerca da região ou nas próprias falas carregadas desses profissionais, sendo que em alguns casos o próprio tema reforça um estereótipo historicamente construído.

Notou-se seis tipos de estereótipos, que são: seca, violência, manifestações culturais, restritas somente ao carnaval, tradições religiosas, subdesenvolvimento e belezas naturais das praias nordestinas. Além disso, essas construções podem aparecer de três formas: imagem, fala e no próprio tema. Neste último caso, a abordagem reforça, principalmente, estereótipos já construídos.

Os dados mostram que, em termos quantitativos, há ocorrência de poucos estereótipos. Isso ocorre porque há uma considerável predominância do formato de serviço da previsão do tempo no que tange os assuntos acerca do Nordeste, porém, este serviço não pode ser caracterizado como matéria propriamente dita. Contudo, ainda assim, destaca-se algumas características que continuam sendo abordadas pela mídia de forma pontual. Foram 21 casos

dentre 157 matérias com referências à região de forma estereotipada, é importante que sejam analisados de modo aprofundado.

Como primeiro exemplo, ressalta-se a matéria sobre o problema da seca em Sergipe, veiculada no mês de setembro. Entretanto, mesmo que seja algo notavelmente possível, a matéria não isenta traços do passado, trazendo imagens de famílias carentes, do rachar do sol e a escassez no local, dando a ideia de que a região não evoluiu desde a primeira seca ocorrida em alguns estados do Nordeste, em 1583⁶. Além disso, tamanha exposição negativa atinge a região em geral, e não somente lugares específicos, por não ser mostrado de forma assídua que hoje grande parte tenha mudado. Albuquerque Júnior (2011, p. 224) relata que “a seca, a terra rachada, a fome, embora atinjam só alguns espaços, alguns períodos e alguns grupos sociais da região, são generalizados, tornam-se permanente”. A reportagem, pelo tema e pelas imagens, generaliza um problema.

A presença de estereótipos nas falas dos jornalistas é destacada, de modo mais evidente, na previsão do tempo, por ser neste serviço que são retomadas as características já “conhecidas” sobre a região, como por exemplo, o predomínio do calor, como se isso ocorresse em todos os estados do Nordeste, apesar de que em algumas cidades dos estados de Pernambuco, Bahia, Ceará e Rio Grande do Norte há o predomínio do frio, por exemplo, e não da seca, justamente pelas diferenças geográficas existentes. Essa questão não foi abordada nenhuma vez e, ao contrário, sempre que apareceu alguma sentença que retomasse uma construção histórica, era sobre a seca, sem qualquer delimitação sobre ela.

No mês de fevereiro, ao falar sobre a previsão do tempo da região, a jornalista diz a seguinte assertiva: “[...] vamos falar do Nordeste, porque, no Nordeste, o que vai predominar é o sol, claro [...]”. Em outro caso, também se tratando do fator climático da região, a jornalista fala: “[...] vou começar pelo destaque do início da semana, que olha, por incrível que pareça é a chuva lá no Nordeste [...]”. Observa-se, portanto, resquícios de uma ideia estereotipada sobre a região nas falas, com imagens novas e atualizadas, por conta da conjuntura atual, mas sempre retomando e ligando essas “novas representações” a fatos antigos, como se ainda fossem predominantes em todo o território geográfico. Albuquerque Júnior (2011) explana que, em relação ao Nordeste, o que mais interessa aos que não moram no local é o sofrimento, a miséria nas comunidades e a recorrente tragédia da seca. E isso se reforça com a cobertura e falas descontextualizadas.

⁶Disponível em: <<https://bit.ly/2r6oRGy>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

Porém, não é somente a seca um estereótipo marcado sobre a região, a violência também é um dos aspectos que perpetuam durante anos a respeito do Nordeste. O Atlas da Violência⁷ mostra que, de 2010 a 2016 a taxa no índice de homicídio cresceu na região Nordeste, atingindo 24.863 casos. Das 83 matérias coletadas nos três meses de análise – excluindo-se a previsão do tempo –, 10 tinham abordagem voltada para a violência nos estados do Nordeste, com a duração de, em média, um minuto e meio em cada. Apesar do real aumento da criminalidade e da cobertura, especialmente por conta dos valores-notícia contidos nos fatos, em particular pelo negativismo (GALTUNG; RUGE, 1965), a literatura mostra que a presença do tema reforça uma imagem historicamente construída.

As matérias que falavam sobre violência, no período de análise, estavam relacionadas a crime organizado, homicídios, vandalismo, assaltos a bancos, casas lotéricas e correios. Tem-se como exemplo complementar a notícia sobre a morte de suspeitos, por policiais, que estavam tentando roubar um avião de transporte de valores na cidade de Salgueiro, a 500 km do Recife. Apesar do reconhecimento de que tais fatos possuem valores-notícia, é preciso ressaltar que mesmo com o passar do tempo, o Nordeste ainda é ligado a traços do cangaço e da pistolagem quando é retratado o índice de violência no local, ainda que esse movimento tenha ocorrido entre os séculos XIX e XX. No entanto, o cangaço ia muito mais além do “banditismo”, como era e ainda é traçado por muitos. O fenômeno representava a luta de indivíduos sociais pela procura de uma nova realidade para os que eram vistos como minoritários (SÁ, 2009).

Outro aspecto interligado à essa luta social se concentra nas festividades juninas que, de acordo com Belém (2010), tem origem histórica ligada a rituais que as pessoas faziam para tornar a produção e o cultivo agrícola férteis. Com o tempo, essas festividades se integraram à devoção aos santos comemorados no mês de junho, Santo Antônio, São João, São Pedro e São Paulo, advindos de uma cultura europeia e espalhados em todo território brasileiro, sendo no Nordeste o lugar de maior centralização da comemoração dos festejos juninos (BELÉM, 2010). Constata-se a importância do movimento cangaceiro para os nordestinos ao ver, por exemplo, além da forte devoção e comemoração aos santos religiosos, a representação do cangaço nas danças de quadrilhas juninas. Assim, o São João se tornou uma característica alusiva à região. Lusvarghi (2012) diz que as festividades juninas são elegidas pela Globo como referência ao Nordeste.

Entretanto, no período que se esperava a considerável representação da região sobre esses movimentos culturais, não houve sequer uma reportagem ou nota para falar das

⁷ Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/dados-series/17>>. Acesso em: 31 out. 2018.

festividades na programação do Jornal Hoje. Apenas citação à uma das festas juninas no serviço de previsão do tempo, ocorrida na cidade de Caruaru, Pernambuco. A profissional responsável por apresentar as condições climáticas das regiões do país assim noticiou: "[...] e como vai ser dia de São Pedro, trouxemos a previsão para Caruaru, Pernambuco, que tem uma das festas mais tradicionais do país [...]".

Desse modo, foi preciso analisar se há espaço para as representações culturais em outro período considerado tradicional nos estados da região, o Carnaval, pois as festividades carnavalescas são consideradas também como algo demarcado sobre alguns estados do Nordeste. Echeverria (2015, p. 8) em sua pesquisa sobre a região, salienta que “o que se vê [na mídia] é um modelo padronizado de edição e grande repetição temática. Em Salvador, os trios elétricos; no Recife o Galo da Madrugada, os Bonecos Gigantes de Olinda; os bois do Maranhão”. A autora ainda questiona a falta de cobertura em outros estados do Nordeste, como, por exemplo, no Piauí.

No período de análise desta pesquisa, a respeito do carnaval, foi averiguado que houve somente espaço para essa manifestação cultural nos estados Bahia e Pernambuco, não havendo nenhuma menção sobre os festejos em outras unidades federativas da região, o que reforça o achado anterior de Echeverria (2015). Ao falar sobre a festividade, a mídia, na maioria das vezes, remete-a somente aos dois estados citados acima, por já ser conhecidos como tradicionais no país.

Dentro desta temática, outro fato considerado a partir de uma abordagem estereotipada na análise está relacionado às questões religiosas, que são consideradas fortes na região, como caracterizado na matéria sobre a devoção de pessoas a Iemanjá⁸, no estado da Bahia, levando oferendas e pedidos a “Rainha do Mar”, como é conhecida no Brasil. Sobre isso, Albuquerque Júnior (2011) disserta que o Nordeste é caracterizado como um lugar da religião familiar e da adoração aos santos e imagens.

Apesar de que a manifestação religiosa, principalmente voltada para a cristã, seja um aspecto característico da região, quando existe uma aparição excessiva e voltada somente para um olhar, reforça estereótipos e dá a ideia de homogeneidade acerca dos estados do Nordeste. Não que esta particularidade da região tenha que ser desconsiderada pela mídia, muito pelo contrário, Silva (2005) destaca que os valores culturais e religiosos entram no valor-notícia de conhecimento/cultura listado pela mesma, no entanto, é necessário repensar diversas formas de realizar uma cobertura que não se restrinja somente à um recorte, para evitar a perspectiva única

⁸Considerada uma divindade africana pertencente às religiões Candomblé e Umbanda.

que se tem de súplica à Deus e divindades, como destacado por Albuquerque Júnior (2011), mesmo que a matéria tenha abordado questões religiosas que fugisse da crença católica.

Conjuntamente, Lima e Filho (2015) abordam a cobertura midiática acerca das praias e belezas naturais encontradas no território nordestino, como um estereótipo já conhecido na mídia. Ressalta-se, no entanto, que nem sempre o estereótipo está atrelado a aspectos negativos, este se caracteriza também em abordagens de cunho positivo, mas, neste caso, resume-se a pontos turísticos de praias existentes em alguns locais da região, já reforçados pelos meios de comunicação. Por consequência, na análise houve somente uma matéria que falasse sobre essa temática na programação do telejornal, que foi a reportagem sobre os lençóis maranhenses, no estado do Maranhão. Fora isso, somente em pouquíssimas vezes foi citado, no serviço de previsão do tempo, as praias existentes no Rio Grande do Norte, Alagoas e Paraíba, que atraem turistas de vários lugares.

Outro aspecto explanado pelos autores da literatura diz respeito ao subdesenvolvimento. No mês de setembro, o JH realizou uma série de reportagens para falar sobre a falta de saneamento básico em alguns lugares do Brasil. Na série, um episódio inteiro foi destinado para falar sobre esse problema em alguns estados do Nordeste, relatando que a rede de esgoto atende apenas 26,8% dos moradores da região em geral. Na reportagem, foi falado e mostrado os estados de Alagoas, Bahia e Pernambuco. Entretanto, ao falar sobre os dados, depreende-se que o problema afeta todos os estados da região, mesmo havendo maior índice de alguns em relação a outros.

Visto isso, nota-se que, de forma geral, os estereótipos acerca do Nordeste estão ligados a pontos negativos, prejudicando um novo olhar sobre a região. No período de análise, as peculiaridades positivas existentes nos estados do Nordeste, que se esperava coberturas mais amplas e abrangentes, não foram consideradas pelo telejornal. O São João não teve visibilidade no mês esperado, as belezas naturais da região foram poucos consideradas e as festividades do Carnaval se restringiam a cobertura do evento nas capitais Salvador e Recife, e na cidade Olinda.

RESTRICÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES REGIONAIS

Com efeito, essa permanência de assuntos vistos corriqueiramente e a “dizibilidade” - que se caracteriza por uma falta de visibilidade, sendo tudo aquilo que precisava ser dito ou mostrado e não foi (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011) - de outras temáticas afetam o significado de representação regional, pois, como fundamenta Guareschi (2000), as representações sociais não são permanentes e imutáveis, elas se alteram e se modificam de

acordo com as situações e evoluções do objeto. Vizeu e Echeverria (2016) explicam que o jornalismo tem a função de interpretar a realidade social e apresentar a sociedade de forma que elas possam entender, se adaptar e modificar. Espera-se que isso aconteça de forma assídua gradativamente, pois, como complementam os autores “existe uma realidade social construída cotidianamente” (VIZEU; ECHEVERRIA, 2016, p. 155).

Como foi já apresentado acima, 47,1% das matérias tratavam da previsão do tempo dos estados da região, subtraindo boa parte das vezes que o Nordeste teve espaço na programação do JH no período de análise. Neste serviço, foram realizadas somente menções à região abordando fatores climáticos, com poucas vezes interligando o clima com abordagem sobre as praias dos estados do Nordeste, que atraem turistas, e as festividades de carnaval ou sobre o São João. Fora isso, sobram apenas 83 matérias e, ainda assim, houveram outros casos de apenas citações aos estados, como, por exemplo, matérias feitas em outras regiões que mencionavam algum dado relevante referente ao Nordeste. De maneira resumida, foram 35 reportagens que, de fato, tratavam de fatos ou situações que permitiram uma maior representação do estado.

É possível quantificar as vezes em que houve somente menção à região pela presença do repórter nas matérias restantes, desconsiderando a previsão do tempo. Das 83 matérias, 48 foram feitas em outros locais, fora da região, logo, somente com menções ao Nordeste em outras reportagens, ou por conta dos links feitos fora do território nordestino, ou pela notícia lida pelo apresentador do telejornal sobre a região. Esse fato já demonstra que as possibilidades de visibilidade e representação vão diminuindo conforme se aprofunda a análise. Em síntese, quando há essa contraposição da realização das matérias regionais feitas fora do território do qual se fala corre-se o risco de perder grandes traços da representação do local, pois a fala, imagens e olhares vindos de dentro do espaço territorial, ajudam a construir características da região.

Como já foi abordado por Albuquerque Júnior (2011) a respeito da imagem que se tem do Nordeste na mídia nacional, Barbalho (2004) retoma que nas primeiras décadas do século XX a região era vista e retratada pela imprensa paulista como atrasada, do rural, estagnada no problema da seca, violenta e ignorante. Barbalho (2004) e Albuquerque Júnior (2011) respaldam que o discurso acerca do Nordeste é visto e enraizado no imaginário social como lugar de tradição, onde não há mudanças, evoluções, novas imagens e identidades, como se ainda fosse um lugar do passado. Consequentemente, o que se extrai da análise é que este problema ainda afeta a representação da região, por aparecer nas matérias e menções ao

Nordeste, mesmo que de forma sutil, aspectos negativos e de traços ligados ao passado, como visto na matéria sobre a seca na Paraíba.

Assim, Barbalho (2004) fundamenta que a mídia colabora para a fixação da ideia que se tem do Nordeste, muito por conta do que é produzido em outro local, como no eixo Rio-São Paulo, por serem vistos como regiões de desenvolvimento e centrais do país. Em contrapartida, regiões como Norte e Nordeste se caracterizam pelo contrário. Assim, o autor complementa que “as representações elaboradas no Sul são tão mais fortes que acabam sendo incorporadas pelos discursos que pleiteiam a nordestinidade” (BARBALHO, 2004, p. 157). Aguiar (2011) também salienta isso, quando afirma que São Paulo concentra, dentre outras empresas, as redes de TV, editoras de revistas, audiovisual, etc. Este fato se tornou perceptível na programação do Jornal Hoje no período de análise, tendo em vista que o espaço físico do jornal se encontra nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, os quais são abordados com mais assiduidade.

Essas considerações dos autores ficam bem perceptíveis nessa análise. Das 157 matérias, 74 tratavam do formato de serviço da previsão do tempo, caracterizando-se com apenas menções a região, e, ainda assim, tendo traços do passado e de estereótipos nas falas sobre o fator climático acerca do local. Das 83 matérias restantes, 48 foram realizadas fora do território nordestino, com apenas citações a alguns estados do Nordeste, na maioria das vezes, sendo assuntos factuais e negativos. Neste sentido, o real espaço da região diminui ainda mais na programação do telejornal, o que ainda deve ser somado com os diversos estereótipos que ficam visíveis nas produções.

Albuquerque Júnior (2011) aponta que na cinematografia, os filmes que tinham algum relato sobre o Nordeste tratavam os personagens caracterizados por nordestinos como coitados, humorísticos, matutos, caipiras, com o inverso do civilizado, do grã-fino, entre outros aspectos. Acontece que no meio jornalístico essa realidade não é muito distante e nota-se em diversas matérias, mesmo que forma sutil, a figura dos nordestinos como pobres, coitados, castigados pela seca, necessitados. Relata-se uma nota coberta realizada pelo JH no período do mês de setembro, para falar sobre a formação de filas contendo milhares de pessoas que procuravam conseguir trabalho em Fortaleza, no Ceará, mesmo que o problema da crise financeira venha assolando todo o país.

Ademais, conclui-se que as matérias que retratavam as temáticas sobre os estados do Nordeste estiveram, em sua maioria, ligadas às temáticas de corrupção, violência, desastres, calamidade pública, com a duração e quantidade maiores que as temáticas pressupostas como positivas para a região. Esse negativismo evidente também contribuiu para uma imagem negativa sobre a região. E, sobre as manifestações caracterizadas como culturais do Nordeste,

Albuquerque Júnior (2011, p. 351) relata que “áreas diversas como o Recôncavo Baiano, o litoral pernambucano e paraibano, o sertão cearense, ou a parte amazônica do Maranhão, passam a ser pensados como unidade”. Fato evidente na restrição da cobertura do carnaval somente ao evento em Pernambuco e Bahia.

Em vista disso, percebe-se a falta de abordagens jornalísticas que ajudem a produzir novos olhares para as representações sociais da região. Albuquerque Júnior (2011) sustenta que é necessário fugir do discurso da miséria e da suplica e que é preciso ter um novo olhar e uma nova retratação sobre o Nordeste. Pois, “este olhar e esta fala da mídia reproduzem, em grande parte, as hierarquias espaciais, a hierarquias identitárias, que realimentam as desigualdades sociais, econômicas e culturais nos país” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 353). Dessa forma, a partir da análise, comprova-se que há uma representatividade limitada e estereotipada sobre a região no Jornal Hoje.

CONCLUSÃO

Este trabalho analisou como a região Nordeste do Brasil é representada no telejornalismo a partir do Jornal Hoje. Esta discussão partiu da necessidade de verificar o que a literatura aborda sobre o regionalismo e os caminhos para a representação social na mídia. A pesquisa esteve baseada na discussão sobre a definição de representação e como a mídia interfere e influencia na construção e reforço deste processo, levando, muitas vezes, à evidência de estereótipos. Para dialogar com a literatura, o trabalho identificou como são realizadas as narrativas sobre a região Nordeste, como os estereótipos apareciam nas matérias e a discussão sobre a visibilidade e representativa do Nordeste. O *corpus* da pesquisa contou com 157 matérias analisadas, que de alguma forma tinham relação com a região Nordeste, de 75 edições dos meses de fevereiro, junho e setembro.

Acerca dos resultados encontrados, destaca-se a baixa quantidade de matérias que falaram sobre o Nordeste no Jornal Hoje, tendo em vista que se trata de um jornal que se caracteriza por revista eletrônica com assuntos diversificados e que possui públicos-alvo distintos. Foram somente 157 matérias sendo que 74 delas eram sobre serviço de previsão do tempo. Essa categoria foi considerada por ter um elevado número de menções referentes à região no período de análise, mas compreende-se que previsão do tempo não se caracteriza como matéria e produção local que permita um processo de representação da região. O máximo que se percebeu foram reforços de estereótipos em algumas falas.

Outro ponto válido de ser destacado relaciona-se à abordagem das narrativas que diziam respeito aos estados do Nordeste. Em grande parte, as matérias tinham teor negativo. Além

disso, 21 matérias continham estereótipos, neste caso considerando a previsão do tempo, por ter sido percebido com mais assiduidade neste serviço falas dos jornalistas com resquícios dessas marcas já “conhecidas”. Os principais estereótipos encontrados falavam sobre a seca, violência, manifestações culturais, tradições religiosas, subdesenvolvimento e belezas naturais, identificados por Albuquerque Júnior (2011), Leitão e Santos (2012) e Lima e Filho (2015). A respeito da representatividade da região, percebe-se ainda há problemas que interferem na presença do Nordeste na mídia nacional. Das 83 matérias (excluindo-se a previsão do tempo), 48 foram realizadas fora do território nordestino, ou seja, a maioria se resumia a menções de algo que estava acontecendo no Nordeste, se restringido ao factual.

Deste modo, no geral, conclui-se que a região Nordeste ainda é retratada de forma limitada na programação do Jornal Hoje, o que dialoga diretamente com a literatura sobre o tema. Assim, percebeu-se que há uma representatividade e visibilidade ainda bastante limitada. Por outro lado, a partir dos conceitos teóricos sobre representação e construção social a partir da mídia, esperava-se que a mídia colaborasse para a visibilidade de novas particularidades do Nordeste, para representar sua heterogeneidade e que, paralelo aos acontecimentos negativos, mostrasse também aspectos positivos quebrando com os “velhos” estereótipos construídos.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Sonia. Geografias e economia política da comunicação: diálogos de fronteira. **Revista Eptic**, v. 13, n. 3, 2011.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras Artes**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- ALENCAR JUNIOR, Ubiratan Nascimento. **Profissão Repórter: Um Estudo de Caso das representações sobre o Nordeste brasileiro**. 2015. 87f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Mídia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.
- ALSINA, Miquel Rodrigo et al. **La construcción de la noticia**. 2 ed. Barcelona: Paidós, 1993.
- ALEXANDRE, Marcos. O papel da mídia na difusão das representações sociais. **Comum**, v. 6, n. 17, 2001, p. 111-125.
- BARBALHO, Alexandre. Estado, mídia e identidade: políticas de cultura no Nordeste contemporâneo. **Revista Alceu**, v. 4, n. 8, 2004, p. 156-167.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução: L. de A. Rego & A. Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2006.
- BAUER, Martin. **Análise de conteúdo clássica: uma revisão**. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 189-217.
- BAZI, Rogério Eduardo Rodrigues. Aspectos da TV Regional e a Globo no cenário da regionalização. **Acervo On-line de Mídia Regional**, v. 6, n. 7, 2007, p. 3-16.
- BELÉM, Vitor Curvelo Fontes. **Arraiá na tela: a construção midiática das festas juninas em Sergipe**. Dissertação (Monografia em Comunicação e Semiótica). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição: República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 2016.

- CAMINHA, Diego de Carvalho. **O Jornal Hoje e a busca pela proximidade com o telespectador**. Monografia (Bacharel em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo). Mossoró: Universidade do Rio Grande do Norte, 2011, p. 32-42.
- CERVI, Emerson Urizzi. Padrão de qualidade e critérios de noticiabilidade: explicações normativas e efeitos das notícias. **LÍBERO**, n. 19, 2007, p. 61-72.
- ECHEVERRIA, Renata. **As Representações Sociais do Nordeste no Jornal Nacional**. 2017. 203f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Recife, 2017.
- _____. **Quando o Estado do Maranhão virou Sergipe no Jornal Nacional**: uma análise do discurso do Nordeste no telejornal da Globo. **SBJor**, 13º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2015.
- FELIPPI, Angela Cristina Trevisan; PICCININ, Fabiana Quatrin. As **representações do território**: as regiões do Rio Grande do Sul no programa Jornal Nacional. **Redes**, v. 17, n. 3, 2012, p. 154-167.
- GALTUNG, Johan; RUGE, Mari Holmboe. The structure of foreign news: The presentation of the Congo, Cuba and Cyprus crises in four Norwegian newspapers. **Journal of peace research**, v. 2, n. 1, 1965, p. 64-90.
- GUARESCHI, Pedrinho A. Representações sociais e ideologia (Social Representations and Ideology). **Revista de Ciências Humanas**, n. 2, 2000, p. 33-46.
- GUTEMBERG, Alisson; LIRA, Bertrand. Produção de sentido e representação do sertão nordestino na tríade do Cinema Novo. **Culturas Midiáticas**, v. 7, n. 2, 2014.
- HJARVARD, Stig. **A midiaticização da cultura e da sociedade**. São Leopoldo: Unisinos, 2014.
- LEITÃO, Juliana Andrade; SANTOS, Maria Salett Tauk. Imagem jornalística e representações sociais: a imagem dos Sertões. **Intercom-Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 35, n. 1, 2012, p. 133-155.
- LIMA, Edgley Duarte; FILHO, Pedro Oliveira. Discurso e identidade: a construção discursiva do Nordeste na mídia paraibana. **Revista Psicologia Política**, v. 15, n. 34, 2015, p. 497-514.
- LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Petrópolis – RJ. Vozes, 2008.
- LUSVARGHI, Luiza Cristina. A Reinvenção do Nordeste: estratégias dos grupos de mídia para o jornalismo audiovisual regional. **Revista Alterjor**, v. 1, n. 1, 2012, p. 2-18.
- MATTOS, Sergio. A Diversidade e o Regionalismo na Televisão Brasileira. **Bibliocom**, v. 4, n. 1, 2012, p. 18-28.
- MAXWELL, McCombs. **A teoria da Agenda: mídia e a opinião pública**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- MORAES, Patrícia et.al. **A Teoria das Representações Sociais**. Unisepe, 2014, p. 17-30.
- MOSCOVICI, Serge. La representación social: un concepto perdido. **El Psicoanálisis, su imagen y su público**, p. 27-44, 1979. PIETSCH, Agnez et. al. Jornal Hoje: **Entretenimento ou Informação?** 2007. Disponível em <<http://www.fnpi.org.br/soac/ocs/viewpaper.php?id=403&cf=16>> Acesso em 12 set 2018.
- SÁ, Antônio Fernando de Araújo. **Memória do Cangaço no Sertão do São Francisco**. 2009.
- SANCHES, Carla Junqueira. **Jornal Hoje**: a convergência de mídias e a possibilidade de interatividade com o público. 88f. Tese (Bacharel em Comunicação Social). Faculdade de Comunicação Social de Juiz de Fora, 2010.
- SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em jornalismo e mídia**, v. 2, n. 1, 2005, p. 95-107.
- SOUSA, Jorge Pedro. **Por que as notícias são como são?** Construindo uma teoria da notícia. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2002, p. 01-17.
- TRAQUINA, Nelson. As notícias. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. Florianópolis: Editora Insular, 2016. p. 233-246.
- VIZEU, Alfredo Eurico. Jornalismo e representações sociais: algumas considerações. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, n. 30, 2006.
- VIZEU, Alfredo Eurico; ECHEVERRIA, Renata. Representações Sociais do Nordeste: eu vi um Pernambuco na TV. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 13, n. 1, 2016, p. 154-163.
- ZANFORLIN, Sofia. Entre arcaísmos e modernidades imaginadas: Nordeste em cena nos textos da mídia. **Fronteiras-estudos midiáticos**, v. 10, n. 1, 2008, p. 23-28.